

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: A CONTRIBUIÇÃO DE OSCAR WILDE

THE IMPORTANTE OF FAIRY TALES FOR HUMAN RIGHTS EDUCATION: THE CONTRIBUTION OF OSCAR WILDE

SUMÁRIO: INTRODUÇÃO. 2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS. 2.1 Historicidade. 2.2 Conceituação. 2.3 Ambientação. 3 OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DA PESSOA HUMANA. 4 EDUCAÇÃO, DIREITOS HUMANOS E CONTOS DE FADAS. 5 A CONTRIBUIÇÃO DE OSCAR WILDE PARA UMA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS. 5.1 Breves considerações biográficas. 5.2 “História de Fadas”: principais características. 5.3 “Histórias de Fadas”: a contribuição de Oscar Wilde para uma educação em direitos humanos. CONSIDERAÇÕES FINAIS. REFERÊNCIAS.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo trazer a lume a importância dos contos de fadas, enquanto gênero literário, como instrumental para uma educação em direitos humanos. Dentre os autores que se dedicaram a esta modalidade de literatura, destaca-se o escritor irlandês Oscar Wilde, cujas obras são atemporais e encantam gerações de pessoas há séculos. Ao fazer uso da narrativa fantástica, rica em detalhes e seres mitológicos, o autor procura mostrar os valores éticos e mo-

Giovana Meire Polarini

Mestranda em Direito pela UNIFIEO na área de concentração: Proteção e Concretização dos Direitos Humanos.

Pós-graduada em Direito Civil pelo CPPG UnifMU.

Professora de Direito Civil, Prática Civil e Ética Profissional da Universidade Mogi das Cruzes, campus Villa-Lobos/Lapa-SP. Advogada.

Email: giovanapolarini@uol.com.br

rais que devem nortear a conduta do ser humano para com o seu próximo, o respeito à diversidade, à crítica às formas de discriminação e a sociedade de sua época, ou seja, de forma simbólica, o autor estabelece uma metodologia para educação em direitos humanos.

Palavras-chaves:

Contos de fadas. Educação. Direitos humanos. Oscar Wilde.

ABSTRACT

This article aims to bring to light the importance of the fairy tales, as a literary genre and as an instrument for human rights education. Among the authors who have dedicated themselves to this kind of literature, there is the Irish writer Oscar Wilde, whose works are timeless and enchanted generations of people for centuries. By making use of fantastic narrative, rich in details and

mythological beings, the author tries to show the moral and ethical values that should guide human conduct toward his neighbor, respect for diversity, critical forms of discrimination and society of his time, that is, symbolically, the author establishes a methodology for human rights education

Keywords

Fairy tales. Education. Human rights. Oscar Wilde.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade discutir de que forma os contos de fadas, leituras simples, lúcidas, repletas de engenho criativo e que permeou o mundo de fantasias de todas as crianças podem contribuir para a formação de sua personalidade e para a educação em direitos humanos.

Assim, pretende-se trazer uma visão panorâmica acerca dos contos de fadas: como surgiram, o que são, seus principais autores e em que medida contribuem para a formação personalidade da pessoa humana e como esta influência refletirá na vida adulta.

Desta forma, percebe-se que existe uma profunda e indissociável interrelação entre educação, direitos humanos e contos de fadas: estes são importantes instrumento para uma educação em direitos humanos.

Dentre os diversos autores que se dignaram a escrever contos de fadas, destaca-se o irlandês Oscar Wilde, cuja fonte de inspiração para suas histórias foram seus próprios filhos. O autor escreveu seus contos de fadas como forma de educá-los, demonstrando a eles, de forma lúdica, as mazelas da sociedade de sua época e os valores morais e éticos universais e essenciais a pessoa humana.

Assim, a partir da revisão bibliográfica, investigar-se-á estas questões de forma a possibilitar a educação em direitos humanos.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS**2.1 Historicidade**

Não se sabe ao certo há quanto tempo os contos de fadas existem. Sabe-se apenas que existe há séculos, fruto da tradição oral dos povos antigos e integram as mais diversas culturas populares, tanto ocidentais quanto orientais. À título de ilustração, pode-se citar a história da “Cinderela”, que, segundo consta, há registros de uma narrativa muito semelhante na China do século IX d.C.¹

Glória Radino² entende que os contos de fadas tem origem celta³, com heróis e heroínas, aventuras ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam à realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do latim *fatum*⁴.

1 ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995, p. 120.

2 RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 171.

3 Os celtas surgiram na Europa Central (entre o Atlântico e o Mar Negro) na era do bronze (2000 a.C.), provavelmente vindos da Ásia Menor. Falavam uma língua com influência do indo-europeu. Eram povos pastores em busca de grandes pastos para carneiros, gado e cavalos. A princípio habitavam a região do Alto Danúbio (Boêmia e Baviera) e, no correr dos séculos, por meio de conquistas territoriais – e tinham também relações comerciais – espalharam-se por toda a Gália, a Espanha, as ilhas Britânicas, a Itália, a Bretanha e a Provença. A maior concentração celta teria se dado na Irlanda. As pesquisas arqueológicas iniciadas no século XIX chegaram à conclusão de que os celtas deixaram vestígios de sua cultura anterior à cultura romana. O que mais parece ter influenciado nos contos de fadas foram os princípios espirituais do povo celta. Vide: COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003, p. 69.

4 *Fatum*: palavra de origem latina que significa destino.

Contudo, a historiografia considera que os contos de fadas tenham surgido na Idade Média, de tal sorte que por intermédio das fantasias neles contida os camponeses conseguiam superar as humilhações a que eram submetidos, livrar-se da opressão dos ricos e dos poderosos e satisfazer, assim, a fome de vingança, ao criticarem o sistema feudal e a impossibilidade de ascensão social em razão da estratificação rígida.⁵

Os contos de fadas devem a sua existência até os dias modernos, em um primeiro momento, a partir da tradição oral.

Quando os historiadores utilizavam como fontes de pesquisa os relatos das testemunhas sobre algum acontecimento que elas haviam vivenciado, eles estavam utilizando a tradição oral, pois, além de narrarem os fatos acontecidos, esses mesmos fatos também eram contados através da óptica de suas culturas.

Desde o surgimento da escrita, a tradição oral marcou presença nas comunidades de acordo com suas necessidades e o valor devotado às suas tradições, além do desejo de perpetuá-las. Portanto, pode-se dizer que a tradição oral nada mais é do que uma forma de preservação de histórias, lendas, usos e costumes através da fala, transmitindo-a às futuras gerações. É na tradição oral que se fundamenta a identidade cultural mais profunda de um povo. M. V. Reyzabal⁶ elucida:

Desde o nascimento, a criança faz parte dessa transmissão cultural de valores, costumes, normas e interditos. Por intermédio das cantigas de ninar, das brincadeiras de roda, dos contos de fadas, a criança vai, aos poucos, tornando-se um ser simbólico, social e cultural [...]. Portanto, a transmissão oral é muito mais do que comunicação, é formadora do indivíduo.

Contudo, a tradição oral, ainda que perpetue hábitos, usos e costumes, podem ser modificados ao longo das gerações, a ponto de que o que se chega ao conhecimento das gerações futuras não é exatamente o mesmo que seus antepassados tentaram transmitir. “[...] algumas histórias misturavam-se com outras. Todas foram modificadas pelo que o contador pensava ser de maior inte-

resse para os ouvintes, pelo que eram suas preocupações do momento ou os problemas especiais de sua época”⁷. Este fenômeno também refletiu nos contos de fadas e a mensagem que se propunha a transmitir.

Os contos de fadas mais antigos de que se tem notícia não foram feitos para crianças, até mesmo porque o conceito de infância não existia.⁸

Assim, o primeiro escritor deste gênero foi Giambattista Basile⁹, na Itália entre 1634 e 1636. Os escritos eram obscenos e tinham um tom cômico. Os narradores eram mulheres velhas, enrugadas e fofoqueiras, assemelhado a “O conto da velha” de Platão. O autor trata de temas delicados como, por exemplo: o aborto, a sexualidade, o erotismo, a sedução, o incesto e a transgressão.¹⁰

Apesar do sucesso destes contos, eles foram condenados pelos educadores pelos temas obscenos e linguagem vulgar. Tendo sido esquecidos ao longo dos séculos, não se pode desconsiderar a sua importância, sendo o precursor dos demais contistas que surgiram posteriormente, que sofreu a sua influência.¹¹

2.2 Conceituação

Diante desta narrativa histórica, importante saber o que são, afinal, os contos de fadas.

Glória Radino¹² define contos de fadas como sendo narrativas com ou sem a presença de fadas, que se desenvolvem dentro de uma magia feérica. O eixo central dessa narrativa consubstancia-

5 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p.53.

6 REYZÁBAL, M.V. A comunicação oral e sua didática. In: RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.36.

7 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 34.

8 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 55,

9 O autor escreveu cerca de 50 contos, entre eles algumas versões mais antigas e conhecidas como: Branca de Neve, Cinderela, A Bela Adormecida, entre outras. Vide: COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003, p. 68.

10 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 55-54.

11 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 56.

12 RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 171.

se, geralmente, na problemática existencial, em que o herói busca uma realização, relacionada à união homem-mulher.

Os contos de fadas são considerados documentos históricos que retratam a situação sócio-econômica de miserabilidade da população e as relações entre os homens, conforme a visão de mundo da época.

Os contos de fadas apresentam uma literatura de forma simples porque resultam de “criação espontânea”, não elaborada. Pela autenticidade de vivências que singularizam essas narrativas, quase todas elas acabaram assimiladas pela literatura infantil, via tradição popular.¹³

Os contos de fadas possuem natureza espiritual (influência da mitologia e da religião celta), ética, e existencial. Todos os acontecimentos eram explicados a partir das vontades dos deuses, entre eles a oferta de vidas humanas para sacrifícios, por acreditarem na imortalidade corporal e na existência de outra vida além da terrestre, como pode-se perceber no conto “A Gata Borralheira” ou “Cinderela”, em uma de suas versões mais antigas.¹⁴

2.3 Ambientação

Na Itália medieval, Giovanni Boccaccio e Geoffrey Chaucer escreveram histórias cujos narradores eram mulheres, que posteriormente apareceram em contos de fadas.

Em 1550, Giovanni Francesco Straparola escreveu uma série de histórias também narradas por mulheres, em uma coleção contos marcados pelas fantasias divertidas e escabrosas.¹⁵

Os contos de fadas franceses caracterizam-se por retratam a realidade bestial em que viviam os camponeses entre os séculos XV e XVI, com a questão do abandono e o desejo de comida. Tais situações podem ser encontradas nos contos “O Pequeno Polegar”, “Chapeuzinho Vermelho” e

13 COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003, p. 165.

14 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 54.

15 A coleção do autor *Le piacevoli di li cunti continha narrativas orientais e do folclore medieval*. Vide: COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003, p. 166.

“João e o Pé de Feijão.”¹⁶

Charles Perrault (1628-1703)¹⁷ é considerado o primeiro autor a coletar e organizar sistematicamente os contos de fadas na forma de livro. Segundo consta, o autor ouvia as histórias contadas por populares e as adaptava ao universo cultural de sua época, acrescentando ou eliminando alguns aspectos que não eram interessantes para a sociedade de meados do século XVII.¹⁸ O autor referenciado consignava, ao final da narrativa, algumas considerações de cunho moral e ético, sob fundamentação cristã, que deveriam servir para educar as crianças.

O público alvo de Charles Perrault era a nobreza que frequentava os saraus na corte de Versalhes. Apesar disso, o autor expressava em seus escritos uma nova forma de pensar na infância. Quanto mais seus contos se aproximavam da intenção de ser dedicados às crianças, menos obscenos e mais moralizantes se tornavam, criando novos valores sociais.¹⁹

Nesse momento da história ocidental, os contos de fada começaram a fazer parte da educação das crianças, tendo sido positivado no ordenamento jurídico francês através do Decreto de 13.12.1668, com a obrigatoriedade do ensino primário.²⁰

No século XIX, na Alemanha, destaca-se a obra de Jacob e Wilhel Grimm, que passariam para a história como “Irmãos Grimm”. Com formação em filologia²¹, a coleta de contos populares tinham

16 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 56.

17 Atribui-se a Charles Perrault a autoria dos contos: *Histórias da Mamãe Ganso, A Marquesa de Salusses ou A Paciência de Grisélidis, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O Gato das Botas, O Pequeno Polegar e Cinderela*, para citar os mais conhecidos. Disponível em: <<http://vandafurtadomarques.blogspot.com/2008/10/origem-dos-contos-de-fadas.html/>>. Acesso em: 05.11.2010

18 Disponível em: <<http://tapetedesonhos.wordpress.com/2007/08/page/5/>, <http://www.scribd.com/doc/39141994/A-Import-an-CIA-Do-Conto-de-Fadas/>>. Acesso em: 05.11.2010.

19 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 59.

20 MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 59.

21 Em grego *philos* quer dizer “amigo” e *logos*, “conhecimento”, “palavra”, “discurso”. A filologia é a área do conhecimento especializada no trato com os

como objetivo estudar a língua alemã e registrar seu folclore. De modo a recuperar a identidade histórica do país por meio de sua tradição oral (acreditava-se que a verdadeira cultura nascia na tradição do povo²²), os autores registravam os contos da forma originariamente relatada pelos populares, pois queriam buscar uma cultura genuína e nacionalista.²³

Posteriormente, as obras dos “Irmãos Grimm”²⁴ passaram a ser publicadas para serem lidas as crianças na hora de dormir, já que seus contos sempre surgem os finais felizes: “E foram felizes para sempre...”²⁵, o que faz com que as crianças, depois de entrarem neste mundo de sonho e fantasia, possam ter um sono tranquilo e sonhar com coisas belas e felizes.

Com a intenção de transformar os contos para

textos, sendo que o texto de literatura ocupa um lugar privilegiado na história dessa disciplina. A filologia trabalha com várias áreas do saber, tais como a Retórica, a Poética, a Gramática, a Linguística, a Lexicografia, a Prosódia, a Métrica, a Estilística e a Teoria e História e da Literatura. A história da filologia remonta à Antiguidade e às primeiras análises interpretativas da obra de Homero no século VI a.C.. Ao longo do século XVIII iniciou-se um processo de separação das filologias clássicas (voltadas para os textos da tradição greco-romana) e das filologias modernas (voltadas para o estudo das literaturas em línguas nacionais). No século XIX ocorreu uma nova cisão: a Linguística, a Teoria Literária e a Literatura Comparada começaram a se estabelecer como disciplinas autônomas. A filologia continuou sendo uma área do conhecimento fundamental para aquele que trabalha com a literatura: hoje em dia ela é sinônimo de rigor no trato com os textos e de pensamento pautado pela questão histórica. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/convivencia/oficina/livrovivo/filologia.htm/>>. Acesso em: 11.12.2010.

22 CANTON, K. “E o príncipe dançou. O conto de fadas, da tradição oral à dança contemporânea”. São Paulo: Ática, 1994, p. 238. In: RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.83.

23 MASSA, Andreia. Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 61.

24 A principal fonte inspiradora dos Irmãos Grimm foi Dorothea Vehman, uma mercadora de frutas e também contadora de histórias. Segundo críticos, os Irmãos Grimm copiavam os escritores franceses como Racine e Molière. Vide: MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.ª Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p. 61.

25 Tal como aparece nos contos: Branca de Neve, Rapunzel, Os Músicos de Bremen, A Guardadora de gansos, O Príncipe Rã, Joãozinho e Maria e uma versão diferenciada de O chapeuzinho vermelho. Disponível em: <<http://vandafurtadomarques.blogspot.com/2008/10/origem-dos-contos-de-fadas.html/>>. Acesso em: 11.12.2010.

atender ao público infantil, fizeram alterações pedagógicas e os moralizaram, atribuindo-lhes os dogmas católicos e os valores sociais da época.

Os contos dos Irmãos Grimm tratam da eterna luta pela existência, seja externa, a partir das privações como a fome e o abandono, ou interna, como as injustiças.

Ainda no século XIX, destacam-se o autor dinamarquês Hans Christian Andersen e o irlandês Oscar Wilde.

Hans Christian Andersen (1805-1875) fez bom uso de suas origens simples ao retratar, em seus contos, as raízes das pessoas de sua época, de forma melancólica e, ao mesmo tempo, bastante poética, por meio de uma linguagem rica em metáforas e intensidade dramática.²⁶

As obras do autor trazem personagens frágeis e desamparadas, como se verifica em “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pequena Sereia” e “A Vendedora de Fósforos”, retratando o triunfo dos oprimidos frente aos opressores.

Oscar Wilde (1854-1900), como se verá mais adiante, escrevia contos de fadas para seus filhos com o intuito de transmitir-lhes valores morais e éticos, ao mesmo tempo em que criticava a sociedade de sua época, apegada a bens materiais, enquanto fechava os olhos a essência da pessoa humana.

Diana Liechtenstein Corso e Mário Corso²⁷ explicitam:

Quando essas histórias faziam parte da tradição oral, o mundo não era tão dissociado do resto da sociedade, trabalhava-se num lugar que era a extensão da casa. Não havia distinção entre casa e trabalho, nem entre o mundo da infância e dos adultos, tampouco havia uma preocupação com a formação das crianças, pois nem havia uma clara ideia da infância, tal qual a concebemos, existisse. Na partilha ocorrida posteriormente, fez com que casa e trabalho, adultos e crianças se separassem, os contos de fadas ficaram em casa com os pequenos.

26 Disponível em: <<http://tapetedesonhos.wordpress.com/2007/08/page/5/>, <http://www.scribd.com/doc/39141994/A-Import-an-CIA-Do-Conto-de-Fadas/>>. Acesso em: 11.12.2010.

27 CORSO, Diana Liechtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 26.

Em terras brasileiras, tem-se a figura de Monteiro Lobato. Identificado com os Irmãos Grimm e Andersen, Monteiro Lobato também tinha um espírito nacionalista e para transmitir suas ideias às crianças e aos jovens, produziu uma obra sem precedentes. Para Mary de A. Arapiraca²⁸,

No mundo de Lobato nada faltou. Ele removeu o tempo e o espaço. Reconstruiu o mundo para seus guris. Levou-os a todas as partes; conduziu-os aos céus, ao mar e às mais longínquas paragens. Transportou-os às civilizações mais remotas numa viagem até nossos dias [...]. Passeou com eles pela História [...], guiou-os através das religiões desde o paganismo; através das políticas mais diversas, através da filosofia de todas as épocas; das Literaturas dos países diferentes; das artes das ciências, em todas as suas manifestações [...]. Lobato não se esqueceu também do mundo clássico, cheio de surpresas e peripécias. Não ficou só nas fábulas e não se limitou ao nosso delicioso "Sitio do Pica-Pau" e ao nosso folclore. Lobato deu às crianças o seu clima épico, heroico, ora conduzindo-as ao mundo fantástico da Mitologia grega [...] a obra de Lobato recria e forma o educando. Ela é síntese, é uma enciclopédia de todas as grandes obras universais. Esse caráter enciclopédico não é apenas no campo da recreação, mas no sentido do conhecimento e da cultura.

Ao revisitar-se do passado, pode-se claramente notar a riqueza simbólica, a temporalidade e a utilidade dos contos de fadas para as passadas, presentes e futuras gerações, consubstanciando-se, certamente, em patrimônio cultural da humanidade.

3 OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DA PESSOA HUMANA

A leitura de contos de fadas para as crianças não é apenas um hábito saudável para estimular, desde as mais tenras idades, o gosto pelos livros e pelos estudos. Muito além disso, trata-se de um instrumento indispensável para pais e educadores na formação da personalidade da pessoa humana, atuando diretamente nas emoções, sentimentos e visão de mundo.

28 ARAPIRACA, Mary de A. *Prólogo de uma paidéia lobatiana fundada no fazer lúdico e especulativo: a chave do tamanho*. Tese de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, p. 22. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses.html>>. Acesso em: 6.11.2010. No mesmo sentido: MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.^a Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008, p.73.

De forma lúcida representam o desenvolvimento humano, que se inicia com a resistência contra os pais e o medo de crescer, e termina quando encontra a si mesmo, materializado na independência psicológica e maturidade moral, e não mais encara o outro como ameaçador, sendo capaz de relacionar-se positivamente com os outros.²⁹

Segundo Mariuza Pregmolato³⁰, os contos de fadas exercem uma influência muito benéfica porque, ensinam a superar obstáculos, "especialmente quando o herói vence no final", vez que se identificam com as personagens e vivenciam a trama das histórias; retratam, ainda que de forma lúdica, a própria vida humana, como a morte, o envelhecimento, a luta entre o bem e o mal, a inveja, mas sempre com desfechos otimistas, positivos, ainda que simbólicos, o que se transforma em um meio de aprendizado para o ouvinte.

A autora referenciada acredita que "o efeito integrador que os contos de fadas têm sobre a personalidade seja o fator responsável pelo fato de terem resistido à passagem do tempo e terem se universalizado."

Neste mesmo sentido, Bruno Bettelheim³¹ acredita que os contos de fadas confrontam as crianças com os predicamentos humanos básicos.

Por exemplo, muitos contos de fada começam com a morte da mãe ou do pai, a morte dos genitores cria os problemas mais angustiantes, como o medo disto ocorrer na vida real. É a característica de um conto de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. [...] o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto e fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo.

A criança, ao deparar-se com a essência dos contos de fadas, internalizam as lições que os autores pretendem passar e a transpõe para a sua reali-

29 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 20.

30 PREGMOLATO, Mariuza. *A importância dos contos de fadas na formação da personalidade*. Disponível em: <http://www.mariuzapregmolato.com.br/pdf/artigos/a_importancia_dos_contos_de_fadas_na_formacao_da_personalidade.pdf>. Acesso em: 06.11.2010.

31 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 14-15.

dade. A repetição das histórias reflete sobre seus próprios sentimentos e permite, com esse processo, solucionar os conflitos internos. Sem ter consciência disso, procura resposta para algo dentro de si que não está de acordo consigo mesma.

Ah, como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor. E ser leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo [...] ³²

Assim, os contos de fada proporcionam uma forma de encontrar o significado da vida, à medida que, consoante Glória Radino ³³,

[...] atingem o inconsciente da criança e [...] podem ser um importante instrumento para auxiliá-la a elaborar e projetar conflitos. Seu universo é diferente do nosso e sua forma de compreender o mundo é animista tendo a fantasia um papel fundamental para mediar a relação entre seus mundos interno e externo.

Além disso, demonstra de forma lúcida que a vida apresenta dificuldades graves é inevitável transmitir, sendo parte intrínseca da existência humana. Contudo, se a pessoa não se intimidar frente às lutas do destino, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim desta batalha existencial, sagrar-se-á vitoriosa, descobrindo sua verdadeira identidade existencial. ³⁴

Assim, subtrai-se que os contos de fadas procuram transmitir mensagens positivas e encorajadoras, no sentido que, ainda que a vida seja cheia de dificuldades e obstáculos, ela é boa e compensadora.

4 EDUCAÇÃO, DIREITOS HUMANOS E CONTOS DE FADAS

A leitura dos contos de fadas em qualquer fase da vida humana, mas, especialmente durante a infância, além de ajudar na formação e no desenvolvimento da personalidade da pessoa, é um importante instrumento metodológico educacional, tanto em nível de educação infantil quanto em nível de ensino fundamental, médio e, porque não dizer, para o ensino superior também.

32 ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gosturas e Bobices*. São Paulo: Scipione. 1989, p.16.

33 RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.25.

34 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 14.

O direito à educação, segundo o legislador constituinte de 1988, é direito fundamental da pessoa humana e encontra regramento no art. 205 ³⁵, de onde se subtrai os elementos fundamentais, a partir de uma visão ampla, a saber: é dever do Estado e da família, com a colaboração de toda a sociedade, visando o desenvolvimento da pessoa humana, a qualificação para o trabalho e o exercício da cidadania.

Quando os dispositivos constitucionais usam o termo “educação” estão se referindo a ela em sentido lato, ou seja, alberga não somente aquela que irá fornecer à pessoa humana habilidades para o trabalho e o desenvolvimento intelectual, em respeito ao princípio da dignidade da pessoa humana, de modo que ela, no futuro tenha uma vida digna. Atinge também aquela que forma a consciência e o caráter do indivíduo, que transmite valores éticos e orienta a um comportamento moral, ampliando sua visão de mundo para além dos horizontes de sua vivência privada para alcançar a vida do outro na convivência social, no âmbito do exercício da cidadania. Para Márcia Cristina de Souza Alvim ³⁶,

A educação, na visão constitucional, deve ser entendida dentro de uma visão ampliada. Por isso vai além da proteção a seus aspectos mais formais, quais sejam, a aquisição das ferramentas mínimas do desenvolvimento intelectual e da qualificação para o trabalho. Seu objetivo maior, que acaba contemplando todos os outros, é aquele que atende ao pleno desenvolvimento da pessoa, concretizando assim aquilo que é invocado no Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, o nosso chamado supra princípio — que está no artigo 1o., inciso III, da Constituição Federal, e constitui a base do preparo para o exercício da cidadania.

Os estudos de Emir Sader ³⁷ o levaram a concluir que,

Educar é um ato de formação da consciência – com conhecimentos, com valores, com capacidade de compreensão. Nesse sentido, o processo educacional

35 Texto original: “Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

36 ALVIM, Márcia Cristina de Souza. “ensino do direito: o conceito de educação com fundamento no artigo 205 da Constituição Federal!” In *Revista Mestrado em Direito*. Osasco, Ano 5, n.5, 2005, p. 61-69.

37 SADER, Emir. Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atualidade. In: *Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. Disponível em: < http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/fundamentos/06_cap_1_artigo_03.pdf>. Acesso em: 11.12.2010.

é muito mais amplo do que a chamada educação formal, que se dá no âmbito dos espaços escolares. Educar é assumir a compreensão do mundo, de si mesmo, da inter-relação entre os dois. Pode ser uma compreensão real, que capte os mecanismos que, efetivamente, são produzidos e reproduzidos pelos homens no seu processo concreto de vida, ou, ao contrário, pode ser uma visão alienada que, ao invés de permitir essa compreensão, ocupa esse lugar na consciência das pessoas com mitos, com ilusões, com concepções que consolidem a incapacidade das pessoas de se compreenderem no mundo e compreenderem o mundo que, mesmo sem consciência, estão produzindo e reproduzindo, cotidianamente, nas suas vidas.

Diante disso, parece que é, primordialmente, a partir da educação que despertará a consciência das pessoas para os direitos humanos. Neste sentido, a educação deve necessariamente levar as pessoas a uma ação que vise transformar a realidade, despertando-as para os direitos que possuem e que na medida em que estes lhes forem negados, saberem que podem utilizar-se de mecanismos judiciais e extrajudiciais para garantir e fazer valer estes direitos. Na verdade, isto nada mais é que educação para os direitos humanos.

Segundo Ana Maria Freire³⁸, “a educação para os Direitos Humanos, na perspectiva da justiça, é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da ‘briga’, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder”

Certamente que a educação não é o remédio para a cura de todos os males da humanidade; seu papel nada mais é do que contribuir para a formação humana. Destarte,

a educação em DH, que defendemos, é esta, de uma sociedade menos injusta para, aos poucos, ficar mais justa. Uma sociedade reiventando-se sempre com uma nova compressão do poder, passando por uma nova compreensão da produção. Uma sociedade que a gente tenha gosto de viver, de sonhar, de namorar, de amar, de querer bem. Esta tem que ser uma educação corajosa, curiosa, despertadora de curiosidade.³⁹

Os princípios primordiais que regem, de modo geral, a educação em direitos humanos podem ser assim elencados, sem desprezar outros, não **menos importantes**: construir a cidadania, a paz e

38 BETTO, Frei. CIDADANIA: *Educação em Direitos Humanos*. Disponível em: < <http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/betto.htm>>. Acesso em: 10.12.2010.

39 BETTO, Frei. CIDADANIA: *Educação em Direitos Humanos*. Disponível em: < <http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/betto.htm>>. Acesso em: 10.12.2010.

a justiça; instrumento para a transformação social e a realização integral das pessoas e dos povos; meio de afirmar a dignidade de toda pessoa humana, grupo social e cultural e respeito à pluralidade e à diversidade.⁴⁰

Assim, a educação para os direitos humanos deve compreender a educação para a liberdade, a igualdade, a solidariedade e “o direito de ter direito”, de modo a suscitar nas pessoas uma reflexão crítica acerca das políticas sociais, a aquisição do saber, o acolhimento do próximo, a capacidade de encarar os problemas da vida com altivez e dignidade.

Como recomenda Ana Maria Freire⁴¹, a educação em direitos humanos deve ser dialógica, adotando o educador posturas que levem à colaboração, união, organização, síntese cultural e reconstrução do conhecimento. Deve-se superar os comportamentos comuns na educação tradicional, tais como: a manipulação, a concorrência, a invasão cultural e a imposição de valores e de conhecimentos, de forma a estimular e fortalecer os vínculos com a comunidade, tendo como referência a realidade na qual se vive hoje, resgatando, ao mesmo tempo a história recente do respeito e do desrespeito aos direitos humanos no mundo. Frei Betto⁴² assevera que,

A educação em direitos humanos é uma educação para a justiça e a paz. Uma pessoa só pode dimensionar bem seus próprios direitos na medida em que reconhecer os direitos alheios, sobretudo àqueles que são fundamentais à sobrevivência. Assim, no centro do processo pedagógico devem estar, como eixo, aqueles que mais têm os direitos essenciais negados: os pobres e as vítimas da injustiça estrutural. Nessa linha, assumir os direitos dos pobres é, com frequência, estar em cheque com os interesses daqueles que consideram os lucros do capital privado acima dos direitos coletivos ou as razões de Estado acima do direito individual. Essa dimensão conflitiva do processo educativo deve ser encarada com parte mesma de uma pedagogia que não quer apenas conscientizar, mas formar agentes transformadores, cidadãos empenhados na erradicação das injustiças e na construção de um mundo verdadeiramente humano.

Diante disso, parece que os contos de fadas são importantes instrumentos para a concretização

40 CANDAU, Vera Maria (org.). Educar em DH: construir democracia. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.77.

41 Betto, Frei. CIDADANIA: *Educação em Direitos Humanos*. Disponível em: < <http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/betto.htm>>. Acesso em: 10.12.2010.

42 BETTO, Frei. CIDADANIA: *Educação em Direitos Humanos*. Disponível em: < <http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/betto.htm>>. Acesso em: 10.12.2010.

e efetivação da educação em direitos humanos a medida que por meio dos exemplos contidos nas histórias, as crianças adquirem maior vivência e contato com impulsos emocionais, com as reações e os instintos comuns aos seres humanos, e o reconhecimento dos fatos e efeitos causados por estes impulsos são exemplos de vida⁴³, de conduta moral e ética, fazendo-nos despertar para a solidariedade e o amor ao próximo, sem qualquer distinção por conta de etnia, sexo ou condição sócio-financeira, mostrando-lhes que o respeito a si próprio e ao autor é o que torna significativa a existência humana. Consoante ensinamentos de Bruno Bettelheim,⁴⁴

[...] se as crianças fossem criadas de um modo que a vida fosse significativa para elas, não necessitariam ajuda especial. Fui confrontado com o problema de deduzir quais as experiências na vida infantil mais adequadas para promover sua capacidade de encontrar sentido na vida; dota a vida, em geral, de mais significados. Com respeito a esta tarefa, nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança da maneira correta. Quando as crianças são novas é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação.

Os contos de fadas, por sua vez, têm tanta influência para a formação da personalidade da pessoa humana, conforme já comentado alhures, que contribuem para uma educação moral e ética de modo sutil e implícito, demonstrando-a as vantagens de se condutar de tal forma.

O poeta alemão Schiller, certa feita, afirmou: “há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina.”⁴⁵ E o romancista inglês Charles Dickens, no mesmo sentido, disse: “Chapeuzinho Vermelho foi meu primeiro amor. Senti que se eu pudesse ter casado com Chapeuzinho Vermelho teria conhecido a perfeita bem-aventurança.”⁴⁶ Tudo isso para ilustrar o importante papel que os contos de fadas exercem para uma educação em direitos humanos.

Na verdade, por meio dos contos de fadas, aprende-se mais sobre a essência do ser humano, seus predicativos intrínsecos e a forma como cada

43 DOHME, Vânia D'Angelo. *Técnicas de contar histórias*. São Paulo: Informal Editora, 2000, p.19.

44 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 12.

45 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 14.

46 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 31.

qual se relaciona na sociedade. A partir daí, este aprendizado será exteriorizado na conduta e no tratamento com o outro.

Assim, se os contos de fadas são histórias moralizantes, com certeza esta moral se refletirá na conduta da pessoa humana, favorecendo a igualdade, a solidariedade e o respeito às diversidades e o amor ao próximo. Contudo, nem todos os contos de fadas trazem em seu bojo uma narrativa moralizante.

Os contos de fadas amorais não mostram polarização ou justaposição de pessoas boas e más; por isto estas estórias amorais servem a um propósito inteiramente outro. Constroem o personagem não pela promoção de escolhas entre bem e o mal, mas dando a criança a esperança de que mesmo o mais mediocre pode ter sucesso na vida. A moralidade não é a saída para estes contos, mas a certeza de que uma pessoa pode ter sucesso. Enfrentar a vida com a crença na possibilidade de dominar as dificuldades ou com a expectativa de derrota constitui também um problema existencial muito importante.⁴⁷

Portanto, diante de todo o exposto, percebe-se a interrelação existente entre educação, direitos humanos e os contos de fadas, à medida que, conjuntamente, contribuem para a formação da pessoa humana como sujeito de direito, que articulem as questões ética, morais, sociais às práticas cotidianas, favorece a liberação das categorias que, historicamente, foram consideradas inferiores e tinham menos poder perante a sociedade, é uma poderosa arma a favor do resgate histórico-cultural para a construção de uma sociedade mais humana.

5 A CONTRIBUIÇÃO DE OSCAR WILDE PARA UMA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

5.1 Breves considerações biográficas⁴⁸

Oscar Wilde é uma das figuras mais emblemáticas da sociedade inglesa do século XIX. Devido à sua ironia, humor e inteligência, traços característicos de seus escritos, por muito tempo teve seu nome associado a escândalos e intrigas.

Oscar Wilde nasceu em 16 de outubro de 1854,

47 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 18.

48 Disponível em: <http://www.pensador.info/autor/Oscar_Wilde/biografia/>. Acesso em: 05.11.2010; Disponível em: <<http://www.cmgww.com/historic/wilde/bio1.htm>>. Acesso em: 05.11.2010.

em Dublin, Irlanda, herdara de sua mãe, Jane Speranza Francesca Wilde, o gosto pela escrita, já que ela escrevia versos irlandeses patrióticos sob o pseudônimo de Speranza.

Em 1879 parte para Londres em busca de melhores condições de vida. Em 1881 é publicada, pela primeira vez, uma coletânea de seus poemas. Em 1882, desprovido de condições financeira, aceita participar de um ano de viagens entre Estados Unidos e Canadá, viagem essa que lhe rendeu fama e fortuna. Com a publicação de "Retrato de Dorian Gray" sua carreira literária deslancha e Oscar Wilde passa a ser conhecido como escritor.

Em 1884 casa-se com Constance Lloyd com quem teve dois filhos: Cyril e Vyvyan, que se tornaram fonte de inspiração para o autor escrever seus mais famosos contos de fadas.

Ocorre que um escândalo marcaria sua vida pessoal e profissional. Com Robert Ross, um jovem canadense que conhecera em sua viagem, Oscar Wilde desperta seus sentimentos homossexuais, os quais, segundo relatam seus biógrafos, perseguiram-no desde a mais tenra idade. Anos depois foi preso sob acusação de conduta homossexual e sentenciado a dois anos de prisão com trabalhos forçados.

As condições calamitosas da prisão causaram-lhe uma série de doenças. Morreu como um homem arruinado em 30 de novembro de 1900.

Oscar Wilde escreveu várias obras ao longo de sua vida. Contudo, para fins de desenvolvimento da temática discutida no presente trabalho, ater-se-á a uma delas em específico: História de Fadas, escrita pelo autor em meados de 1888.⁴⁹

5.2 "História de Fadas": principais características

As personagens que povoam o universo dos contos de fadas de Oscar Wilde tem uma grande interação entre si, ainda que pertençam a mundos diferentes: os humanos e os animais irracionais.

Assim, sejam humanos, inanimados ou animais irracionais, em todos os contos, apresentam um algoz e sua vítima, não identificados por substantivos próprios, ou seja, não possuem nomes, atributo inerente à personalidade humana. Ao

49 WILDE, Oscar. *Histórias de Fadas*. Trad. Bárbara Heliadora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

contrário, a identificação se dá pelos atributos ou características de cada qual grafados com letras maiúsculas: Príncipe, Gigante, Ogro, Foguete, Rouxinol, Rosa, Jovem Rei, Bispo, Infanta, Anão, Filho-da-estrela, Pescador, Padre, Moleiro, Anão, Alma, entre outros. Ao utilizar de tal técnica, Oscar Wilde reafirma a humanidade dos seres humanos e humaniza os seres inanimados e os animais irracionais, de tal sorte que ganham pensamentos e sentimentos, tais como: egoísmo, amor, generosidade, traições, inveja, soberba, hipocrisia, raiva e avareza. Vivenciam as pequenas e as grandes misérias inerentes aos humanos, permitindo que o ouvinte entre em contato com a sua própria humanidade.⁵⁰

Nos diálogos entre as personagens, narrados na terceira pessoa do singular e carregados de emotividade e intensa tristeza, nota-se claramente a reflexão crítica e irônica acerca do comportamento e dos valores éticas da sociedade de sua época.

A ambientação das personagens e o desenrolar da trama principal acontece em pequenos reinos longínquos, imaginários e encantados, cercados pela natureza; casebres pobres, onde vivem pessoas miseráveis financeiramente e ricas nos aspectos morais e éticos, assim como em castelo luxuosos, cercados de nobres e criados, protegidos do mundo exterior por muros altos, impedindo-os de ver a realidade.

Os contos de fadas de Oscar Wilde são carregados de elementos da tradição católica cristã ao falar da morte, Deus, padres, alma, ou seja, prepondera o divino, o sobrenatural ou transcendental, que faz com que a história de cada uma das personagens tenha um determinado destino.

Ao longo de todas as narrativas, percebe-se nitidamente a contraposição entre belo e o feio, o rico e o pobre, a inocência e a perversidade, o egoísmo, a vaidade, a avareza, a soberba, o desprezo pelo próximo, o interesse e a ganância, a inveja, a raiva, a angústia, isto é, os sentimentos que constituem a essência do ser humano, sempre com um toque de espiritualidade.

Na verdade, Oscar Wilde procura refletir acerca

50 A narrativa utilizada pelo autor é, modernamente, denominada de narrativa fantástica: usando elementos da natureza misturados com mitologia (ogros, estrelas cadentes, príncipes e princesas, sereias, castelos encantados, bruxas, encantamentos), interagindo com os seres humanos.

dos valores primordiais à humanidade, que, em linhas gerais, se consubstanciam em uma postura moral e ética, apesar das mazelas econômicas e sociais e da miserabilidade da vida.

As personagens centrais, independentemente de sua origem (nobre ou humilde), são apresentadas, no início de cada conto, como pessoas ou seres inanimados humanizados, movidas pelo egoísmo, pela soberba, que os leva a condutas antiéticas. Mas, no desenrolar da trama acabam por encontrar um justo motivo para e remissão, seja pela dor, seja pelo amor, pelo bem ao próximo, pelo desapego aos bens materiais, pela realização pessoal através da abnegação, da caridade, pela tentativa de vencer a indiferença de uma sociedade individualista; mostra que sempre é tempo para a conversão, para a reparação dos males causados.

Assim, os fatos e personagens dos contos são os símbolos de uma fé que tem por base o amor a Deus, meio para se chegar à plenitude existencial, nesta dimensão e na dimensão espiritual.

5.3 “Histórias de Fadas”: a contribuição de Oscar Wilde para uma educação em direitos humanos.

Segundo os estudiosos da vida e da obra de Oscar Wilde, em um primeiro momento, o autor cria seus contos de fadas para seus filhos, para lhes mostra, de forma crítica, a conduta política, moral e ética da sociedade de sua época e, ao mesmo tempo, ensinando-lhes valores fundamentais a vida humana, sempre com alicerce na doutrina católica cristã.

Assim, Oscar Wilde faz de seus contos de fadas um importante instrumento metodológico para educar sobre os sentimentos humanos, a essência da vida, valores morais e éticos, assim como para criticar, reflexivamente, os costumes e o “modus operandi” da sociedade da época. Em última análise, educando para os direitos humanos.

As personagens dos contos de fadas de Oscar Wilde pertencem a mundos distintos e, ao interagirem entre si, exteriorizam os mais diversos sentimentos, de acordo com a situação em que se encontram.

Desta forma, a preocupação com as aparências e a falsa nobreza, injusta e cruel, com as criaturas

boas e sensíveis, banaliza o amor ao próximo, cultua o que é supérfluo e se esquece da essência dos seres humanos; uma sociedade marcada por grandes desigualdades sociais, onde os pobres são miseráveis e os ricos, geralmente portando títulos de nobreza, vivem fechados em seus castelos luxuosos e ignoram a existência desta grande população, fruto da Revolução Industrial, que passa fome e é marginalizada; pretende mostrar que os valores morais independem de classe ou condição sócio-financeira e que a perda da condição econômica faz com que os membros da classe abastada não percam a empatia, a altivez; uma sociedade que não tolera a diversidade, onde pessoas puras de coração são exploradas pelas inescrupulosas.

A partir desta triste realidade, na visão de Oscar Wilde, ele finaliza seus contos de fadas sempre com uma lição moralizante, em perfeita consonância com a educação em direitos humanos, querendo significar que isto não pode mais acontecer, esta conduta não é ética, afronta aos mais elementares valores humanos, como a dignidade humana, a igualdade, a solidariedade, o amor ao próximo e a fidelidade à verdade.

Demonstra que tais valores são universais e edificantes e que devem regular a conduta humana, em razão de sua essencialidade, para que o ser humano viva em constante evolução, alicerçado na cooperação mútua entre as pessoas, no desejo do bem para si e para as outras pessoas, no compartilhar das ideias, das emoções, no reconhecer o direito das pessoas de usufruir igualmente seus pertences e oportunidades, na capacidade de atuar com outras pessoas de forma consistente e produtiva; na perseverança, constância e firmeza perante situações novas ou desafiantes; no apropriar-se exclusivamente do que lhe pertence; no conhecer os limites em relação a outras pessoas, no ter atitudes coerentes com seu pensamento e suas convicções; na capacidade de fazer julgamentos desassociados de seus próprios interesses; no reconhecimento e compaixão pelas necessidades alheias; na tolerância para suportar os reveses da vida; na tranquilidade para esperar; no aceitar as características e limitações dos demais; no compreender que todos são diferentes e saber conviver com as diferenças; no respeito e na atenção às outras pessoas; no estar consciente de suas obrigações; no comprometimento com suas

crenças e convicções e no respeito e consideração pelas atitudes e opiniões das pessoas.

Tudo isso perfaz a educação em direitos humanos e podem ser extraídos dos contos de Oscar Wilde, sendo este o seu maior legado para as futuras gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o artigo demonstrou-se o quanto os contos de fadas, histórias simples e lúcidas que pertencem ao ideário infantil, podem contribuir para a formação da personalidade do ser humano, com reflexos positivos na vida adulta, educando-a para os direitos humanos.

Assim, os contos de fadas, com suas narrativas fantásticas, repletas de seres inanimados e fictícios com sentimentos e comportamentos humanos, interagindo com os seres humanos, todos convivendo no mesmo espaço geográfico, trazem sempre uma lição moralizante e ética, lição esta que pode se modificar de pessoa a pessoa, considerando o tempo histórico e a experiência de vida de cada um, sempre com o intuito maior de valorizar o ser humano, em sua dignidade, de modo que leve a vida digna.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

ALVIM, Márcia Cristina de Souza. Ensino do Direito: o conceito de educação com fundamento no artigo 205 da Constituição Federal. In *Revista Mestrado em Direito*. Osasco: EDIFIEO, Ano 5, n.5, 2005, p. 61-69.

ARAPIRACA, Mary de A. *Prólogo de uma paidéia lobatiana fundada no fazer lúdico e especulativo: a chave do tamanho*. Tese de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses.html>>. Acesso em: 6.11.2010.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BETTO, Frei. *CIDADANIA: Educação em Direitos Humanos*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/betto.htm>>. Acesso em: 10.12.2010.

CANDAU, Vera Maria (org.). *Educar em DH: construir democracia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.77.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.

CORSO, Diana Liechtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOHME, Vânia D'Angelo. *Técnicas de contar histórias*. São Paulo: Informal Editora, 2000.

MASSA, Andreia. *Os contos de fadas na sala de aula: contribuições para o letramento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade São Marcos. Orientadora Prof.^a Liana Maria Sálvia Trindade. São Paulo, 2008.

PREGNOLATO, Mariuza. *A importância dos contos de fadas na formação da personalidade*. Disponível em: <http://www.mariuzapregmolato.com.br/pdf/artigos/a_importancia_dos_contos_de_fadas_na_formacao_da_personalidade.pdf>. Acesso em: 06.11.2010.

RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SADER, Emir. Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atualidade. In: *Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/fundamentos/06_cap_1_artigo_03.pdf>. Acesso em: 11.12.2010.

WILDE, Oscar. *Histórias de Fadas*. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FONTES DIGITAIS

Disponível em: <<http://www.cmgww.com/historic/wilde/bio1.htm>>. Acesso em: 05.11.2010.

Disponível em: <http://www.mariuzapregolato.com.br/pdf/artigos/a_importancia_dos_contos_de_fadas_na_formacao_da_personalidade.pdf>. Acesso em: 06.11.2010.

Disponível em: <http://www.pensador.info/autor/Oscar_Wilde/biografia/>. Acesso em: 05.11.2010.

Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/convivencia/oficina/livrovivo/filologia.htm/>>. Acesso em: 11.12.2010.

Disponível em: <<http://tapetedesonhos.wordpress.com/2007/08/page/5/>, <http://www.scribd.com/doc/39141994/A-Import-an-CIA-Do-Conto-de-Fadas/>>. Acesso em: 11.12.2010.

Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses.html>>. Acesso em: 6.11.2010.

Disponível em: <<http://vandafurtadomarques.blogspot.com/2008/10/origem-dos-contos-de-fadas.html/>>. Acesso em: 11.12.2010.